

**CIRCULAÇÃO DE CARTAS, MIGRAÇÕES E
DESLOCAMENTOS: O CASO DE MULHERES DO ALTO
SERTÃO DA BAHIA - BRASIL (1901-1950)**

CIRCULACIÓN DE CARTAS, MIGRACIONES Y DESPLAZAMIENTOS:
EL CASO DE LAS MUJERES DEL ALTO SERTÃO DE BAHIA – BRASIL
(1901-1950)

CIRCULATION OF LETTERS, MIGRATIONS AND DISPLACEMENTS:
THE CASE OF WOMEN FROM THE ALTO SERTÃO DA BAHIA - BRAZIL
(1901-1950)

DOI: 10.22481/rbba.v11i01.10591

Zélia Malheiro Marques
Universidade do Estado da Bahia, Bahia, Brasil
ID LATTES: <http://lattes.cnpq.br/2290542230420517>
ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5341-5283>
Endereço eletrônico: zeliacte@gmail.com

Mônica Yumi Jinzenji
Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, Brasil
ID LATTES: <http://lattes.cnpq.br/0008291440983943>
ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3639-9389>
Endereço eletrônico: monicayj@ufmg.br

Resumo

Neste artigo, analisamos um acervo de cartas escritas durante a primeira metade do século XX por Anna Spínola Teixeira (1864-1944) e pelas suas seis filhas mulheres, que teve com Deocleciano Pires Teixeira (1844-1930): Evangelina Spínola Teixeira (1886 - 1965), Celsina Spínola Teixeira (1887 - 1979), Hersília Spínola Teixeira (1891 -

ISSN 2316-1205	Vit. da Conquista, Bahia, Brasil / Santa Fe, Santa Fe, Argentina	Vol. 11	Num. 1	Jun/2022	p. 268-289
----------------	--	---------	--------	----------	------------

1968), Leontina Spínola Teixeira (1896 - 1978), Angelina Spínola Teixeira (1905 - 1982) e Carmen Spínola Teixeira (1909 - 2002). Num total estimado de 2185 cartas (enviadas e recebidas), consultamos, principalmente, as enviadas. Para este texto, analisamos um total de 27 cartas com o objetivo de discutir sobre a fluência desse tipo de documento para a compreensão de elementos que ultrapassam os assuntos privados, com foco nos processos de migração e de circulação pelo território. Compreendemos que, para as famílias abastadas, migrações e deslocamentos se davam por opção e, quando eram motivadas por necessidade, se justificava para ter acesso a níveis mais elevados de escolarização; identificamos também a migração alheia à própria vontade, em função de interesses econômicos e patrimoniais de seus familiares.

Palavras-chave: Cartas. Migração. Mulheres.

Resumen

En este artículo analizamos una colección de cartas escritas durante la primera mitad del siglo XX por Anna Spínola Teixeira (1864-1944) y sus seis hijas mujeres que tuvo con Deocleciano Teixeira (1844-1930): Evangelina Spínola Teixeira (1886 - 1965), Celsina Spínola Teixeira (1887 - 1979), Hersília Spínola Teixeira (1891 - 1968), Leontina Spínola Teixeira (1896 - 1978), Angelina Spínola Teixeira (1905 - 1982) e Carmen Spínola Teixeira (1909 - 2002). En un total estimado de 2185 cartas (enciadas y recibidas), consultamos, principalmente, las enviadas. Para este testo, analizamos 27 cartas, con el objetivo de discutir la fluidez de este tipo de documento para la comprensión de elementos que van más allá de lo privado, con foco en los procesos migratórios y de circulación por el territorio. Entendemos que, para las familias ricas, la migración y desplazamientos fue por elección, pero también por necesidad, para acceder a mayores niveles de escolaridade; también identificamos la migración fuera de su voluntad, por intereses económicos y patrimoniales de sus familiares.

Palabras clave: Cartas. Migraciones. Mujeres.

Abstract

In this article, we analyze a collection of letters written during the first half of the 20th century by Anna Spínola Teixeira (1864-1944) and by her six daughters, who she had with Deocleciano Pires Teixeira (1844-1930): Evangelina Spínola Teixeira (1886 - 1965), Celsina Spínola Teixeira

(1887 - 1979), Hersília Spínola Teixeira (1891 - 1968), Leontina Spínola Teixeira (1896 - 1978), Angelina Spínola Teixeira (1905 - 1982) and Carmen Spínola Teixeira (1909 - 2002). In an estimated total of 2185 letters (sent and received), we consulted mainly those sent. For this text, we analyzed a total of 27 letters with the aim of discussing the fluency of this type of document for the understanding of elements that go beyond private matters, focusing on the processes of migration and circulation through the territory. We understand that, for wealthy families, migrations and displacements took place by choice and, when motivated by necessity, it was justified to have access to higher levels of schooling; we also identified migration outside their own control, due to the economic and patrimonial interests of their families.

Keywords: Letters. Migration Women.

Introdução

Um cartãoⁱ postal, datado de 12 de outubro de 1934, com uma ilustração da torre “Los Ingleses”, foi enviado de Buenos Aires por Evangelina e direcionado a sua mãe, Anna, e às irmãs: Carmen, Hersília e Angelina em Caetité – Bahia. Evangelina utiliza, na escrita, os apelidos das irmãs (Carmita, Tulinha e Gigi), manifesta sentir muitas saudades, envia abraços e ainda escreve: “Estaremos no Rio no dia 20, querendo Deus”.

Por essas poucas palavras, próprias desse suporte impresso – cartão postal -, escolhido pela autora dessa correspondência, não podemos saber o motivo da viagem: se passeio, se negócios, se visita a alguém. Sabemos que Evangelina (1886) já era mulher madura, se aproximava dos 50 anos e estaria na Argentina em companhia de outros, ao mencionar, no plural, que “estaremos no Rio (de Janeiro)”.

Elegemos esse cartão para iniciar a discussão sobre a fertilidade das correspondências pessoais para compreendermos algumas dimensões do cotidiano de um grupo social específico: mulheres abastadas e letradas na primeira metade do século XX. A importância desse tipo de documentação para as pesquisas históricas passou a ser reconhecida no movimento de renovação historiográfica (CARDOSO, 1997) em que o olhar sobre os problemas de pesquisa, sobre as fontes e sobre a escrita da História passaram a sofrer deslocamentos. Nesse bojo,

grupos sociais tradicionalmente secundarizados ou esquecidos passaram a ser inseridos nas problematizações, e documentos como cartas, adquiriram status de fontes legítimas.

Pretendemos contribuir para adensar as discussões sobre a epistolografia e destacar, por meio dela, a ocupação do espaço público e a circulação das mulheres por diversos territórios, com diferentes objetivos, realizando viagens eventuais, migrações temporárias ou permanentes. Neste artigo buscamos dar visibilidade a outras dimensões do cotidiano feminino, especificamente daquelas mulheres de condição econômica privilegiada. Dialogamos com os estudos de Falci (2004), Ribeiro (2012), Nogueira (2016), Pires (2003), Dias (1992) e buscamos fornecer elementos que contrastem com as representações de reclusão e do envolvimento das mulheres predominantemente com atividades domésticas.

As fontes que analisamos constituem um acervo familiar doado para e mantido pelo Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC. Estimado em um total de 15 mil documentos, ainda se encontra em fase de catalogação e organização, mas estão disponíveis para consulta. Entre fotografias, telegramas, cartões e objetos pessoais, se inserem milhares de cartas, cujas autoras, que nos interessam aqui, são: Evangelina Spínola Teixeira (1886 - 1965), Celsina Spínola Teixeira (1887 - 1979), Hersília Spínola Teixeira (1891 - 1968), Leontina Spínola Teixeira (1896 - 1978), Angelina Spínola Teixeira (1905 - 1982), Carmen Spínola Teixeira (1909 - 2002) e a mãe dessas mulheres (Anna Spínola Teixeira), terceira esposa de Deocleciano Pires Teixeira.

Conforme Aguiar (2011), tanto a família de Deocleciano quanto a de Anna fizeram parte, desde o período colonial, do processo de interiorização, se envolvendo com a extração mineral na região de Lençóis e, posteriormente, com a criação de gado, se tornando proprietárias de grandes extensões de terra. O casal se estabeleceu em Caetité no ano de 1885, após o casamento, residindo em um sobrado no centro de Caetité, em frente à praça da Catedral da cidade, onde os filhos foram nascendo e crescendo.

A família (Anna e Deocleciano) foi composta, em sua configuração final, com 14 filhos, nascidos, em Caetité, de acordo com registro de batismoⁱⁱ. Deocleciano atuou na política, tornando-se influente na região, chegando a senador no período de 1899 a 1903 (NUNES, 2000). Nesse período, em que fazia viagens constantes a Salvador, estabelecia correspondência rotineira com sua esposa, por meio da qual a atualizava sobre as notícias políticas e sobre os familiares, no período em que estava fora.

Na medida em que filhos e filhas iam crescendo, Anna e Deocleciano articulavam seus contatos familiares e pessoas próximas, constituindo uma “rede de apoio” para viabilizar melhores oportunidades de estudo para os filhos ou para outras necessidades, como tratamento médico. Essa complexa trama entre sujeitos, que envolvia necessariamente deslocamentos temporários ou permanentes, pela região, mas também por outros estados e até para outros países, é o que nos interessa explorar e problematizar. Nesse cenário, as cartas, escritas para suprimir a distância e manter a coesão familiar, estão sendo abordadas como mediadores privilegiados utilizados para constituir e fortalecer as redes de apoio e de sociabilidade. Entre as linhas escritas, buscamos apreender os sentidos desses processos migratórios para os diferentes sujeitos, considerando a condição de mulheres privilegiadas econômica e culturalmente.

A migração está sendo entendida, neste artigo, como o deslocamento temporário ou permanente de um ou vários sujeitos, partindo de sua localidade de origem para outra, fixando residência. As motivações foram diversas, assim como a duração, a distância e as características da localidade de destino; buscaremos discutir sobre essa diversidade tendo como referência a discussão de Marden Campos (2015) que apresenta, centralmente, que nem todo movimento migratório pode ser entendido como completamente autônomo ou voluntário, assim como sempre há uma margem para a escolha, mesmo quando a migração é visivelmente forçada. Nessa reflexão, a idade e o gênero são elementos centrais para se considerar as nuances que envolvem os processos migratórios. Outros deslocamentos de curta duração, para lazer, estão sendo consideradas também, pela relevância em dar visibilidade à circulação e à participação feminina nos espaços públicos.ⁱⁱⁱ

Por fim, cabe esclarecer aqui que o conjunto das cartas analisadas, ao mesmo tempo que é volumoso, é também lacunar. Com isso, partimos do entendimento de que as cartas não retratam o cotidiano daquelas pessoas naquele momento; mesmo num esforço de se buscar encontrar sequências lineares na comunicação entre as interlocutoras, temos que considerar a não conservação da escrita epistolar, por razões diversas, e mesmo a destruição de parte das correspondências, como nos lembra Teresa Malatian (2009). Trata-se, portanto, de um acervo construído, resultante de crivos, autorizado para conhecimento público e que, portanto, representa um recorte do passado. Tratando as cartas como indícios, buscamos produzir uma narrativa inteligível para compreender os processos de deslocamento e circulação das mulheres por diferentes espaços.

O Alto Sertão em conexão

Situado no sudoeste do estado da Bahia, o Alto Sertão baiano é delimitado pelo Norte de Minas Gerais, pela Chapada Diamantina e, ao leste, pela região de Vitória da Conquista. Segundo Giane Carneiro (2021), na temporalidade aqui investigada, a região se organizava em torno da criação de gado e do cultivo do algodão e o município de Caetité iniciava o século XX com 36% da população constituída por pessoas brancas, sendo quase 60% as pessoas pretas e mestiças. Ainda segundo Carneiro, em 1920, 19% da população de Caetité acima de 15 anos sabia ler e escrever, enquanto na sede, esse índice era de 10,24%. Podemos compreender que a distribuição de pessoas minimamente letradas não se concentrava na sede; esse dado indica elementos do perfil social e a participação, no universo letrado, pelos proprietários de terra que residiam nas diversas localidades da região. A pesquisadora aponta, ainda, que entre os habitantes da sede que sabiam ler e escrever, 3,10% eram mulheres, ou seja, menos da metade da população que dominava essas habilidades. Essas informações nos auxiliam a configurar o perfil das mulheres cujas cartas estamos analisando: constituíam a minoria branca, proprietária de terras, com influência política na região, e com acesso à instrução.

De Caetité saíam e chegavam as cartas que, em diferentes momentos da vida das personagens aqui envolvidas, indicavam os sentidos das migrações, fato esse que condicionava a própria existência das cartas. Sobre esse quantitativo, no quadro 1 a seguir, apresentamos as cartas enviadas por cada uma das irmãs:

Quadro 1: Total de cartas produzidas por cada sujeito

Autora	nº de cartas
Anna	52
Evangelina	195
Celsina	240
Hersília	371
Leontina	105
Angelina	17
Carmen	82

Fonte: Elaborado pela autora 1 a partir do acervo do Arquivo Público Municipal de Caetité.

A distância determinava a escrita, e mesmo não se tendo precisão de todas as localidades a partir das quais se escrevia, a recorrência e a aproximação das datas possibilitaram identificar alguns desses deslocamentos e suas motivações. Por meio das cartas, Caetité se conectava com

várias localidades dentro do próprio estado, como as fazendas Hospício e Santa Bárbara, na zona rural próxima à sede de Caetité e a fazenda Campos em Monte Alto; Gurutuba, Boa Vista, Taperinha, Cipó, Rosário, Bom Jesus da Lapa, Nazaré, Itaparica, Jequi eram outros destinos comuns. No estado da Bahia, Salvador foi a localidade de onde predominaram as cartas enviadas. Da capital Rio de Janeiro também se originou um grande volume de cartas, além de São Paulo. Algumas correspondências eram originárias de outros estados, como Minas Gerais (Itapagipe), Goiás (Formosa), e, do exterior, Argentina (Buenos Aires) e Itália (Roma e Nápoles).

Entre as escritoras mais ativas, está Hersília e entre os destinatários mais procurados estão Celsina e o tio Rogociano. Celsina residiu durante a juventude em Salvador e depois retornou a Caetité, onde viveu até o final de sua vida. O tio Rogociano, irmão de Deocleciano, residia no Rio de Janeiro e, sendo um destinatário privilegiado, acompanhou a família em busca de diversos interesses. Salvador, principalmente, mas também, o Rio de Janeiro eram as cidades escolhidas pela família para que os filhos e filhas dessem continuidade aos estudos, motivo pelo qual a circulação de cartas entre essas localidades era intensa.

Estudos em Salvador e no Rio de Janeiro

Desde quando os filhos de Anna e Deocleciano realizavam os estudos primários em Caetité sob atenta supervisão das filhas mais velhas e da própria mãe, havia a preocupação em enviá-los para uma grande cidade. Para os meninos, aspirava-se estudos em nível superior enquanto para as meninas, a ênfase na formação artística, com destaque para a música e o desenho (JINZENJI; MARQUES, 2022). Anna, em carta ao cunhado Rogociano, que morava no Rio de Janeiro, informava sobre o desenvolvimento dos filhos e sobre as expectativas futuras quanto aos estudos.

Celso, Oscar, e Leontina continuam no colégio de Prescilla. Agradeço de coração dizer-me que já tem em vista um bom colégio aí para deita-los; o meu maior desejo era que eles estivessem sempre debaixo de suas vistas, fico mais tranquila eles estando do que na Bahia, porém para o ano eles não podem ir porque ainda não estão prontos das primeiras letras desejo manda-los mais adiantados. (ANNA, 26/04/1904)^{iv}.

Evangelina, Celsina e Hersília, as três filhas mais velhas de Deocleciano e Anna, auxiliavam na formação e, sobretudo no processo de escolarização dos oito irmãos e irmãs menores; Hersília foi, desde os 18 anos, uma espécie de tutora de seus irmãos e irmãs mais

novos, reforçando em casa os estudos por eles realizados na escola: “(...)Todos os dias a noite, faço eles estudarem; Jayme continua impaciente só quer ler a lição uma vez, é preciso força-lo para ler mais vezes. Fale com Vanvan, que Anísio já está estudando Gramática, e com muito gosto (...)” (HERSÍLIA, 21/02/1908)^v.

Ainda jovem, aos 21 anos, Celsina se estabeleceu em Salvador, possivelmente para acompanhar os irmãos, e lá, ela continuou seus estudos de música e desenho. Era demandada pela mãe para que, após o retorno, ensinasse suas irmãs mais novas no bandolim: “(...) V. fez bem em tomar uma Professora, para lhe ensinar o bandolim. Deocleciano já tinha lembrado disto, e mesmo serve para v. ensinar Tulinha e Leontina. O José Elysio continua a vir sempre, mas logo que v. chegar vou dispensar porque até hoje Leontina, não sabe uma nota (...).” (ANNA, 30/03/1908)^{vi}. Celsina retornou para Caetité no ano seguinte, em 1909, para se casar e assumir outras funções de esposa e para o gerenciamento dos negócios da família (RIBEIRO, 2021).

Salvador era, aparentemente, o destino privilegiado da família para dar continuidade aos estudos; pelas cartas, Caetité carecia de bons professores de música e os estudos secundários teriam maior qualidade na capital. Distava pouco mais de 600 km de Caetité, sendo parte do trajeto feito a cavalo, conforme destaca Santos (2021)^{vii}. Os meninos frequentavam os estudos regulares na capital, enquanto as meninas pareciam migrar para acompanhá-los, para o estudo das artes, ou para tratamento médico. A carta^{viii} de Angelina, em 05 de setembro de 1927, evidencia o estabelecimento em Salvador com diferentes propósitos para rapazes e moças da família:

Boa Sinsinha.

(...)

Esta vai por Celso que segue quinta-feira, vai com ele Zelinda; Celina fica para ir com Vigidinha pelo S. Francisco.

Eles serão carta viva aí, a quem invejo a sorte de também não o ser.

Eu ainda estou tomando os tais banhos de luz. O que tem me dado um sono e uma preguiça! Que não tenho ido nem a missa, podendo fazer a novena como v fala e também escreverei a Dindinha, se for de efeito melhor, se não for, seja feita a vontade de Deus. Não tenho recebido carta de Dindinha, quando receber notícias aí, o que será mais fácil do que aqui, envia-me o que ficarei muito agradecida.

Todos aqui vão indo bem, e sem novidades.

Alzira está gostando muito do desterro, perguntamos se queria ir para S. Paulo para ficar com as freiras do Bom Pastor disse que não queria, se queria ir para aí, disse que não queria, nem passear aqui, ela não queria, eu achei mais magrinha.

Didi chegou agora do colégio, ele vai indo bom, estudando muito, outro dia ele esteve adoentado, com dor no estomago, foi ao consultório de Dr. S. Paulo que deu umas injeções para ele tomar, mais ainda não achou uma pessoa para dar.

Pelo que vejo a festa do Bispo de aí foi bem bonita, com missão etc e perdendo nessa Bahia aborrecida.

A vida daqui é sair, o que eu detesto, eu saio 3 vezes por semana para o consultório, fora as vezes que se vai para compras, visitas, etc; eu aí eram raros os domingos que saía, e aqui é quase todos os dias!...

Lembranças(...).

Angelina encontrava-se, na capital baiana, na época, para realizar tratamento de saúde e sua escrita indica o lugar como residência permanente para uma grande parte da família, o que, certamente, possibilitou a estadia temporária para os familiares que necessitavam ir a Salvador por razões diversas. Já no primeiro quartel do século, seu irmão Anísio se destacava na política, revelando que as redes familiares e de suporte se encontravam bastante estabelecidas, fazendo da capital uma localidade de estadia e permanência. Marcos Ribeiro (2012) aponta a presença de vários membros da família numa mesma residência em Salvador, reforçando a gestão e a coesão familiar nesses períodos de estabelecimento na capital.

Carmen, a irmã caçula, realizou estudos secundários em Salvador, na escola Normal, na década de 1920. Suas cartas indicam uma trajetória diferenciada das irmãs, com um forte investimento nos estudos, ainda que a trajetória como normalista e professora estivesse como uma das poucas alternativas de atividades no espaço público pelas mulheres do período.

Vou indo bem de estudos tenho tido boas notas; vou enviar-lhe uma notazinha dizendo-lhe todas elas (...). não tenho escrito mais a miúdo, por estar um pouco atarefada com os estudos, pois falta apenas um mês e meio para começarem os exames.

(...)

Tive esta semana três dias de férias, 7, 8 e 0. No dia 0 houve inauguração do Busto do Barão de Macaúbas na Escola Normal. Os Perdões foi. Estas festas são umas verdadeiras paulificações. Eu e Zelinda não fomos desta vez, mas em recompensa tomamos um carãozinho do Diretor (...). (CARMEN, 23/08/1925)^{ix}

Carmen retornou a Caetité, após concluir seus estudos, na capital baiana, e atuou como professora na Escola Normal de Caetité, conforme escrita sua para a irmã, Celsina, no dia 27 de agosto de 1940^x. Não apenas evidencia participação docente, naquele lugar, mas também sua escrita revela preocupações com algumas tensões políticas: “Estes forasteiros que surgem por aí ‘passam de pato a ganso’ com muita rapidez... E como Caetité é cada dia mais

‘terra de ninguém’ sempre teremos de estar as voltas com esses indesejáveis, cujo prazer é criar ‘casos’”.

Para a temática deste texto, outra carta de Leontina, datada de 24.04.1924^{xi}, é dirigida a sua mãe, Anna, em Caetité, e confirma a fixação de parte da família em Salvador. Leontina descreve sobre o envolvimento do filho, Ernani, com a escola, destacando seu gosto pela leitura e pela escrita. Também, Angelina, que se dirige a sua irmã, Celsina, no dia 03/07/1928^{xii}, indica a capital baiana, como lugar familiar e em movimento de idas e vindas:

(...) Há poucos dias recebi uma boa carta sua de 8 de junho. Muito lhe agradeço as felicitações que me enviou por meio desta, justamente com as preces que fez por mim.

Aqui vamos bem de saúde, o mesmo desejo a todos d’ahi. Seu Quincas já está bem melhor, Alzira segue depois d’amanhã.

As festas de ontem aqui foram muito bonitas, nós assistimos da casa de Clovis. Didi tem vindo aqui. Ele está gordo e forte.

Sinto não está ahi para compartilhar destas festas, creio que com este novo bispo o povo está mais fervoroso.

Quanto as jarras já seguiram num cachote que mandamos para a casa Salles, juntamente com uma mala minha que pressisa ser aberta, tem umas emcommendas de Verbena e umas coisas minhas.

Esta vae por Dr. Pitangueira que segue hoje.

Oscar creio que vae pelo meado deste mez, já marcou mais de dez vezes, é esta a razão também porque eu não tenho escripto mais vezes para ahi (...).

Vários eram os interesses e necessidades para os deslocamentos e, a seguir, discutiremos sobre a migração para realização vocacional religiosa.

Ao Rio de Janeiro e São Paulo para votos religiosos

Desde os estudos em Caetité, especificamente em contato com o colégio de freiras, Hersília (Tilinha) iniciou seu interesse pela vida religiosa, em aparente contrariedade aos propósitos familiares, de arranjar-lhe um bom casamento. Apesar de entusiasmada com a escolha feita, Hersília enfrentou obstáculos, o que pode ser visto na correspondência de sua mãe, Anna, ao tio Rogociano, em 24 de maio de 1923^{xiii}, quando da ida da filha para o Rio de Janeiro para iniciar seus votos religiosos.

Rogociano

Desejo-lhe muita saúde e felicidade.

(...)

Esta vae por Chico Pires e Evangelina que seguem para ahi a fim de levar Tinha que insiste em querer ser freira, mesmo contra a minha vontade. Não attende conselho de pessoa alguma, está nesta mania de entrar para o convento, achando que só assim poderá servir a Deus. Esta resolução dela muito tem me contrariado e entristecido. Sei que ela não suporta a vida do convento porque é de organização fraca e já sofreu incômodos nervosos como você assistiu aqui. Há tempos ela falou com a Superiora do colégio daqui que desejava ser freira, esta exigiu um atestado médico que Dr. Venancio deu e ela mandou para o convento daí, onde disseram que se ela sofria a moléstia que dava o atestado não poderia ser freira.

A única esperança que me resta é o convento não aceita-la.

Fazendo muito tempo que Tinha mandou o atestado, resolvi pedir um novo ao Dr. Venancio para você ou Chico Pires apresentar a superiora antes dela entrar. Peço-lhe fazer-me este favor que ficarei muito grata.

(...)

Aceite saudades de todos.

Angelina e Carmem pedem a benção.

Devido a febre amarela na Bahia Carmem não pude ir este ano para o colégio.

Abraça-lhe a

Cunhada Cm^e am^a m^{to} grata

Anna

Apesar dos esforços familiares contrários, Hersília conseguiu iniciar sua dedicação às causas caritativas por volta dos 32 anos de idade. Inicialmente no Rio de Janeiro e, posteriormente em São Paulo, percurso que constituiu os anos de 1924 a 1928. Sua fotografia em vestes de freira consta no acervo doado pela família ao APMC e, desse lugar que idealizou para si, escreveu muitas cartas aos familiares e em várias delas, identificou-se por Sor Maria de N. S. da Purificação, conforme escrita dirigida a Rogociano, a qual apresentamos neste texto. Trazemos novas informações de acordo com o contexto em discussão:

Viva Jesus e Maria!

Mosteiro Provincial de N. S. de Caridade do Bom Pastor

Rio, 29 de junho de 1924.

Meu Padrinho

(...) Tenho estado apreensiva com o estado sanitário da Bahia, pois como sabe está grassando tifo e desinteria.

Felizmente os colegiais já estão em Gurutuba, porém, os irmãos que não podem retirar da Bahia, peço a Deus que os livre das epidemias.

Conforme Vm.ce viu a última vez que esteve aqui, os trabalhos de construção do nosso asilo, com o fim de aumentar a casa para darmos abrigo às crianças expostas ao mal. Como sabe a nossa obra tem não só por fim regenerar a mulher caída como também preservar da queda a inocência. O nosso trabalho visa a Religião e a moralização da nossa Pátria.

Apelo, pois para o vosso coração caridoso e patriótico e peço a Vm.ce um obelo para as obras.

O bom Deus que sabe, segundo suas palavras recompensar um copo d'água

dado em seu nome, saberá largamente recompensar a Vm.ce , pelo bem que se fizer a tantas crianças, que se abrigarem na nossa casa.

Continuo com saúde, graças a Deus, e o mesmo desejo a Vm.ce e todos os nossos.

Queira aceitar com Jayme e Nelson afetuosos abraços e abençoar a sobrinha afilhada que muito o estima e sinceramente grata.

Sor Maria de N. S. da Purificação Sp. Teixeira

Deus seja bendito!

Asylo Bom Pastor

Fabrica das Chitas

R. do Bom Pastor.108

Hersília demonstra preocupação com os familiares que se encontravam na capital baiana, naquele período, considerando a expansão de tifo e da desinteria. Refere-se às pessoas que buscavam segurança, fugindo do lugar com problemas sanitários. Encontrava-se, no Rio de Janeiro, no Asylo Bom Pastor, que era dirigido pelas irmãs da Congregação do Bom Pastor, de origem francesa e atuava, desde o século XIX, acolhendo meninas órfãs e mulheres em situação de miséria, muitas delas vivendo de prostituição (KARPOWICS, 2017). Hersília descreve como objetivo da instituição, “regenerar a mulher caída como também preservar da queda a inocência”. O caráter filantrópico fica evidente ao solicitar doações do tio para as obras de ampliação das instalações. Mesmo recolhida, demonstrava estar integrada à família, recebendo visitas dos irmãos e se informando sobre seus familiares.

Na cidade de São Paulo, a mesma congregação fundou um Asylo que foi estabelecido em 1897 com os mesmos fins, e Hersília se mudou para lá, possivelmente para concretizar seus votos perpétuos. Sabemos que foi impedida devido a supostas condições frágeis de saúde mental, alegação essa que já vinha sendo utilizada pela mãe, Anna. A carta datada de 14 de dezembro de 1928^{xiv}, escrita por Hersília em Salvador, esclarece a decisão do Mosteiro de não a aceitar para os seus votos perpétuos:

A tal carta que a Madre Provincial disse-me ter escrito a Mamãe, ontem chegou em nossas mãos. Dizendo que resolveu com o Conselho não me receber aos Votos Perpétuos, devido os ataques nervosos que tive em S. Paulo e que soube que já havia tido um ataque em Caetité, antes de entrar para o Bom Pastor. Nosso Senhor permitiu que houvesse grande exagero nas notícias [...].

Persistente em sua escolha, mas resignada diante da decisão da Madre em não a aceitar por motivos de saúde, Hersília retornou a Caetité e, a partir do Decreto do governo do Estado, de 19 de março de 1930, tomou posse do cargo de professora interina da Cadeira de Prendas e

Economia Doméstica na Escola Normal de Caetité, realizando novo deslocamento na experiência da vida.

Dentre as mulheres deste estudo, Hersília foi quem mais enviou correspondências (371). Sua escrita envolve diversos assuntos, sendo um deles, sobre as tentativas de muitos integrantes da família em convencê-la a se casar, ao que Hersília não aceitou. De Caetité, no dia 18 de maio de 1923, Alzira, uma das irmãs mais velhas de Hersília, em contato com o tio, Rogociano, evidencia que a família não ficou satisfeita com a escolha religiosa: “Estamos bem tristes com a ida de Tilha para o convento. Fizemos tudo para desfazer-lhe a tal ideia. Nada conseguimos”.^{xv}

A persistência de Hersília, combinada com algumas das exigências familiares, certamente lhe rendeu dissabores, e ela acabou ocupando-se não com o que quis, mas com o que se fez possível, muitas vezes, sem contar com o apoio de todos os familiares. Em uma carta de Hersília para Celsina, escrita no dia 25 de outubro de 1950^{xvi}, em Salvador, informa que a peregrinação da qual participaria não irá mais a Roma por não aparecer número suficiente de peregrinos. Isso demonstra sua contínua dedicação aos rituais da igreja, que envolveriam inclusive viagens para o exterior, ilustrando como circulava pelos mais diversos territórios dentro dos limites impostos pelo ser mulher e pelas contingências familiares.

Casamento e mudança para o interior

Evangelina, a primeira filha do casal Anna e Deocleciano, casou-se em 1º de março de 1919 com Francisco Pires de Oliveira. Antes do casamento, Vanvan, como era chamada pelas pessoas da família, comentava abertamente sobre o sacrifício que estava sendo levada a fazer, em 25 de setembro de 1918^{xvii}:

[...] Vmce chama a isto pieguices, mas como sabe as mulheres vivem mais pelo coração e por isso, coitadas! Sofrem mais. A separação, por exemplo, para os homens não é nada, para as mulheres um grande sacrifício e assim o casamento.

E quando elas já não são crianças, não tem mais ilusões, que força e coragem são necessárias para dar este passo tão arriscado e de tanta responsabilidade! A fé em Deus é que as anima.

O restante da carta sugere a influência familiar para efetivar o casamento, inclusive mencionando a quantia oferecida por Rogociano, seu tio, como dote, aceita pelo fazendeiro. Evangelina e Chico Pires foram morar em uma fazenda (Gurutuba – Ituaçu – BA), localizada

mais para o interior da região. Em suas cartas, Vanvan explicita sua resistência em relação à união conjugal com um fazendeiro, e tampouco desejava morar numa fazenda. Sua migração teria sido, portanto, forçada, embora ao final tenha também se resignado e aceito as expectativas sociais condicionadas pela sua posição de mulher de posses.

Evangelina relata, nas cartas, seu modo de vida no ambiente rural, e se lamenta, ao tio, sobre seu isolamento: “Em Caetité, tinha notícias de Vm.ce pelas cartas e jornais dirigidos a Papai; aqui não tendo este meio peço manda-las”. (EVANGELINA, 15/05/1925) ^{xviii}. Aparentemente Evangelina se adaptou e se habituou com a vida afastada do meio urbano; seu tio Rogociano enviava livros e revistas do Rio de Janeiro, seu irmão Anísio enviou uma vitrola e discos, a família enviava jornais de Caetité e sobretudo as cartas a mantinham informada sobre a família; recebia, também, a visita dos irmãos.

Após estabelecer residência na fazenda, continuou a realizar viagens. Em 1923, Evangelina escrevia do Rio de Janeiro para a mãe, “Apesar de estar numa grande cidade, não acho assunto para cartas” (14/06/1923)^{xix}. Por essa época, seus irmãos mais novos Jaime e Nelson estudavam no Rio de Janeiro; teria ido para visitá-los? Ou para acompanhá-los por um tempo? A falta de assunto não indica que teria ido voluntariamente para passeio ou lazer, contrastando com o entusiasmo ao estar em Buenos Aires. Apesar do descontentamento inicial em morar numa fazenda, o Rio de Janeiro também não a entusiasmava, aparentando, para Evangelina, um destino usual, de passagem.

Lazer, visitas e festas

As viagens constantes por estradas acidentadas, provavelmente, a cavalo ou charrete, eram habituais para a família, incluindo as mulheres ainda bastante jovens, realizando, inclusive, tarefas domésticas. No trecho da carta escrita, de Caetité, no dia 19 de março de 1908^{xx}, para as suas irmãs, Evangelina e Celsina, que certamente se encontravam em Salvador, encontramos Hersília a descrever a vida cotidiana do lugar:

[...] Como foram de carnaval? fizeram parte de algum club? Neste dia passei mais distraída fui com Alzira, titia e os meninos passear no S. Sebastião, lá eles pularam, saltaram, jogaram muitas laranjinhas, etc. Fazemos sempre d’estes passeios, ora na metereologia, ora no cruzeiro. No domingo, fomos à tarde, ao cruzeiro, voltando de lá, as 7 horas, todos muito cansados, os meninos queixando-se que os pés estavam doendo, porem todos com muito apetite [...].

Ao perguntar sobre o carnaval, a autora buscou falar de si e de seus pares. Utilizou a palavra “distraída” certamente, para dizer que, no período, mesmo distante do movimento carnavalesco, normalmente com agitadas festividades, em grandes centros, puderam escolher experiências prazerosas com os passeios em contato com a natureza, que os levaram a sair da rotina. Seja na capital ou no sertão, cada grupo se divertia, ou melhor, se distraía ao seu modo. Também, em outra carta, a mesma autora, desta vez, dialoga com sua mãe, Anna, e indicou que sua escrita foi feita da fazenda (Hospício) na zona rural de Caetité no dia 4 de agosto de 1909^{xxi}:

Mamãe

Ontem aqui chegamos pelas 6 horas da tarde, fizemos ótima viagem a tarde foi muito fresca não apanhamos sol e nem cansamos.

Arranchamos aqui em casa de D. Augusta, que tem nos tratado muito bem.

Vieram ontem nos visitar a família toda do Major Manoel Lôbo.

Pretendemos ir dormir hoje no Caldeirão, o dia de hoje está como o de ontem, aqui amanheceu neblinando.

Já ia me esquecendo de contar que passamos pela Escadinha onde apeamos para descansar, levamos um quarto de hora conversando com Dona.

Celso seguirá hoje mesmo para Rio de Contas?

Como vae Carmensita?

(...)

Tilinha. (...)

As visitas, os percursos e paradas, mencionadas com uma familiaridade compartilhada, indicam a naturalidade com a qual as mulheres estavam integradas a essas atividades. Ao final, indicam o portador da carta, figura essencial que permitia a ligação de regiões mais remotas da zona rural a outras localidades.

Outra produção a inserir na discussão da circulação da escrita de mulheres é o cartão de Carmen para sua irmã, Evangelina, uma produção feita do Rio de Janeiro no dia 05 de janeiro de 1932^{xxii} e que indicou ser uma recordação do passeio realizado. Integra-se à comunicação, o cartão de Angelina para Celsina, sem local e datado em um período que extrapola o nosso marco temporal deste trabalho, 17 de julho de 1972^{xxiii}, mas que foi eleito, neste texto, pelo fato de demonstrar uma viagem ao exterior e que indica que uma viagem idêntica pela Europa, foi realizada por outras irmãs, em épocas anteriores à data mencionada por Angelina que escreve:

Sinsinha

Vendo hoje a capela Sistina lembrei de sua excursão com Dindinha, quanta beleza, em!

Estamos 12 dias de excursão, que está indo muito bem, e apreciando tanta maravilha. No dia 19 quarta é que vamos receber a benção do Papa.

Um grande e saudoso abraço da af. m^{to} am^a Angelina

Entender, pois, a complexidade cotidiana de mulheres de elite no Alto Sertão da Bahia, em uso da escrita, é ação desafiadora. Entendemo-la como uma prática que não se esgota por consideramos as adversas relações oriundas das permanências e das mudanças em indicação de entrelaçamento e de acompanhamento de culturas diversas. Se por um lado, há a evidência da adequação social como fator de padronização imposta culturalmente e pela conseqüente alienação das mulheres, por outro, não tão acessível, mas possível, há no esforço de desnaturalização dessas normas sociais. Conforme Maria Odila Leite da S. Dias (1992), uma possibilidade de investir na libertação da “condição feminina” pela releitura de práticas marcadas pela informalidade, misturadas ao cotidiano, que dão visibilidade a novos processos sociais.

Em articulação, podemos dizer que as mulheres construíram não somente a circulação de sua escrita, mas uma rede de sociabilidade por meio dela. Entendê-la, por sua vez, é tarefa a exigir leitura muito além do que expressaram de forma objetiva. Em situações antagônicas (oportunidades de novas experiências e as dificuldades em garanti-las), expressaram possibilidades e evidenciaram lacunas as quais nos levam a pensar em conquistas de novas atuações sociais. Por isso, entre o que está escrito e o que o escrito nos leva a pensar/transformar existe o não dito que é tarefa em construção.

Importa que consideremos o esforço de quem, pelo envio e pelo recebimento de correspondências ou de outros bens adquiridos, socializou novas possibilidades pela busca da liberdade de sua condição de vida. Nesse sentido, podemos dizer que as mulheres, produtoras de correspondências, mesmo vivendo e passando por lugares de serviços precários, garantiram uma ampla circulação de suas escritas.

Os tropeiros e portadoras

A circulação de bens de necessidade, pelo Alto Sertão da Bahia, conforme estudos de Santos (2014), deu-se, desde os tempos remotos, pelo uso de tropas e tropeiros^{xxiv}. Entre viagens a cavalo, grupos de pessoas garantiam o envio e o recebimento de bens de necessidade, levando e recebendo, inclusive, as correspondências, conforme Marques (2021), que também indicou o uso de portadores, considerados muito mais seguros e confiáveis, sendo preferidos pelas mulheres.

Sobre o assunto, Hersília escreveu de Caetité, no dia 25 de abril de 1908^{xxv}, para sua irmã, Celsina, em Salvador, e, entre diversos assuntos abordados, indicou problemas com encomendas e correspondências despachadas e destacou: “Pela carta de Yaya a Papae soubemos que a caixa que vai para o Rio estava nas mesmas condições, talvez, as cartas que tenho escrito ao meu padrinho tenham acontecido o mesmo [...]”. A mesma autora (Hersília), em carta datada de 22 de março de 1916^{xxvi}, novamente em diálogo com a irmã (Celsina), abordou o mesmo assunto (entrega e recebimento) em recorrência de ações realizadas sem a devida seriedade que os serviços exigem, demonstrando a demora para garantir a circulação de bens que foram despachados e disse: “Há poucos dias recebemos uma cartinha sua, a qual chegou muito retardada. Os serviços do correio em Monte Alto é péssimo não tenho nenhuma confiança”.

Entre as terras do sertão e as litorâneas (Salvador, por exemplo), as mulheres deste estudo estabeleceram importante circulação de bens de necessidade muito além dos pares. Por essa sociabilidade, contribuíram pelo dinamismo da sociedade onde atuaram. Em preferência ao uso dos portadores/as foram ampliando aos pares o processo da comunicação entre eles/elas e propiciando situações sociais, como aponta Chartier (1990), sobre o desenvolvimento da cultura letrada, inclusive, para meninas que foram incentivadas a escrever em contexto em que a categoria de mulheres não tinha acesso à educação escolar.

Nesse sentido, conforme carta escrita em Salvador, no dia 11 de maio de 1923^{xxvii}, Leontina apresenta à destinatária de sua correspondência, que é sua mãe (Anna), o nome da sua portadora (Jovina). Pela carta produzida no Rio de Janeiro no dia 1º de fevereiro de 1923^{xxviii}, a mesma autora, Leontina, em contato com a mãe, demonstrou possibilidade de viagens por lugares como o Rio de Janeiro e São Paulo, onde pôde se encontrar com familiares: o irmão, Oscar; os tios Aristides e Rogociano e o filho, Ernani.

Apresentamos, pois, mulheres em movimento, demonstrando pela escrita que os padrões estabelecidos, inclusive, os casamentos vantajosos, resultantes, muitas vezes, de articulações paternas, estavam em mudanças.

Considerações finais

Retomando o quadro 1, visualizamos a quantidade desigual de cartas, que podem refletir uma produção desigual, mas conforme discutimos anteriormente, podem resultar de um crivo resultante de vários fatores. De todo modo, indicam a mediação realizada por meio das cartas, em momentos nos quais cada uma esteve distante do restante da família, por períodos

maiores ou menores, em caráter provisório ou definitivo. O hábito de compartilhar o conteúdo fazia com que os destinatários não fossem exclusivos, e uma autora fosse a responsável pela informação sobre os demais membros da família.

A circulação pelos diferentes espaços é reforçada também pela atuação em outros lugares públicos. Conforme ata de sessão organizadora da Associação das Senhoras de Caridade^{xxix}, a qual objetivou propiciar o acolhimento a crianças e idosos em situação de pobreza, vem indicar o caráter filantrópico, de base caritativa, o que se assemelha à iniciativa do Asilo do Bom Pastor. Pela ata indicada, encontramos a criação da instituição, por 16 senhoras de Caetité, que, em reunião, na residência de Alzira, irmã de Celsina, no dia 19 de janeiro de 1919, realizaram eleição e Celsina tornou-se a presidente eleita da instituição para a primeira diretoria, na qual identificamos sua mãe, Anna, como vice-presidente e Hersília como primeira secretária. Observamos, ainda, outras mulheres da mesma família, participando da reunião, a exemplo de Evangelina. Embora Celsina tenha participação social em outros lugares, em Caetité, esteve por vários momentos à frente da diretoria da Associação. Também, sua irmã, Hersília, que contribuiu por um período, conforme mencionado por Angelina. O envolvimento com essas práticas assistencialistas de cuidado, e também com o desenvolvimento do processo de escolarização em Caetité, atuando como professoras, indica os diferentes papéis desempenhados pelas mulheres da família Spínola Teixeira nos espaços públicos “autorizados” pelo poder patriarcal para esse grupo social.

Outras iniciativas de cunho privado, mas com caráter fortemente público, se refere à participação das mulheres na administração dos negócios da família. Realizavam constantes viagens para tratar de negócios relacionados a imóveis, investimentos financeiros, como indica a carta escrita por Leontina da fazenda Formosa e se dirige a sua irmã, Celsina: “Da Instrução ficaram alugados a um só inquilino, com aluguel de 4:700 em vez de 5:500 que era o preço estipulado. A casa que estamos em negócio em Itaparica ainda não foi passada a escritura, porque está dependendo de transição de um empréstimo na Caixa [...]”. (LEONTINA, 21/04/1950)^{xxx}

Angelina igualmente mostra fluência nas movimentações financeiras e sobre os rendimentos, demonstrando que consultar a irmã sobre o assunto era corrente, mas sugerindo também que se tratava da gestão de bens familiares e não pessoais:

(...) Sobre as cotas de S. Francisco, sei que é seu interesse é só em meu benefício, mas você agora está com tantas despesas que é melhor aguardar sua

volta, o preço também está um tanto barato não? Chegará aos 30,000,00? Preciso achar onde aplique, em Títulos ou empréstimos? Sem mais um grande abraço desejando um breve regresso da irmã mto ama^{xxxi}. (ANGELINA, sem identificação do destinatário, do local e da data).

Celsina gerenciava os negócios com o marido José Antônio Gomes Ladeia (Juca), o acompanhando nas viagens entre Caetité e as fazendas e participava do controle das finanças, tomando a frente em registros e na tratativa com empregados e demais negociações, conforme estudo de Ribeiro (2021). Ainda segundo o autor, Celsina encaminhou as providências para os tratamentos de saúde do marido e, esgotadas as possibilidades em Caetité, seguiram para Salvador, e em seguida, quando como último recurso Juca foi encaminhado para o Rio de Janeiro, ela não o acompanhou, para que pudesse tomar a frente nos compromissos profissionais que passaria a assumir.

Por fim, acreditamos que, por meio das correspondências, tivemos acesso a dimensões do cotidiano de mulheres de elite, de seu papel ativo na administração da economia familiar, que incluía: a viabilização dos estudos dos irmãos e da própria formação, em alguns casos; da gestão financeira e do patrimônio familiar; dos cuidados com a saúde. Para isso, muitas vezes abriram mão do conforto da cidade, das convicções e decisões pessoais, mas também souberam fruir dos bens culturais, as possibilidades de explorar diferentes localidades, para conhecer novos espaços.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Lielva Azevedo. **Agora um pouco de política sertaneja**: a trajetória da família Teixeira no Alto sertão da Bahia (1885-1924). 2011. 163f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local. Universidade do Estado da Bahia/UNEB-Campus V. Santo Antônio de Jesus, 2011.

CAMPOS, Marden Barbosa de. Características demográficas e a voluntariedade da migração. In: **Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.**, Brasília, Ano XXIII, n. 45, p. 273-290, jul./dez. 2015.

CARDOSO, Ciro Flamarion. História e paradigmas rivais. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**. Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 1-23.

CARNEIRO, Giane Araújo Pimentel. **De Pennas vacilantes em mãos infantis à produção do jornal O Bem-te-vi**: culturas do escrito e crianças de elites em Caetité, BA (1899-1914). Tese (Doutorado em Educação). 2021. Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Educação. Belo Horizonte, 2021.

CARVALHO, Jumara Carla Azevedo Ramos. **Cotidiano e poder: a trajetória da família Spínola Teixeira em Caetitê – Bahia (1894 a 1944)**. Dissertação (Mestrado em História). 2018. Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES, Programa de Pós-Graduação em História/PPGH, 2018.

COSTA, Herick Cidarta Gomes de; OJIMA, Ricardo. Migração de retorno para a região do semiárido setentrional brasileiro. **Mercator**, Fortaleza, v. 18, e18023, 2019.

DIAS, M^a Odila Leite da S. Teoria e método dos estudos feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano. In: BRUSCHNI, Cristina; COSTA, Albertina de Oliveira (orgs.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

DOTA, Ednelson Mariano; QUEIROZ, Silvana Nunes de. Migração interna em tempos de crise no Brasil. **Rev. Bras. Estud. Urbanos Reg.** São Paulo, v. 21, n. 2, p. 415-430, maio-ago. 2019.

DOI: <https://doi.org/10.22296/2317-1529.2019v21n2p415>

FALCI, Miridan Knox. Mulheres do sertão nordestino. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 241-277.

KARPOWICZ, Débora Soares. **Do convento ao cárcere: do caleidoscópio institucional da Congregação Bom Pastor D'Angers à Penitenciária Feminina Madre Pelletier (1936-1981)**. 2017. 334f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Porto Alegre, RS, 2017.

JINZENJI, Mônica Yumi; MARQUES, Zélia Malheiro. Entre cartas: práticas educativas no cotidiano de mulheres do Alto Sertão baiano (1885-1950). **Revista História da Educação (online)**, v.26, e112228, p. 1-30, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/112228>

MALATIAN, Teresa. Cartas: narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 195-221.

MARQUES, Zélia Malheiro. **Correspondências de mulheres do alto sertão da Bahia (1844 - 1950): práticas de leitura e de escrita**. Tese (Doutorado em Educação). – Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

NOGUEIRA, M^a Lúcia Porto S. **Mulheres baianas nas artes de escrita: tessituras de experiências, memórias e outras histórias (1926 – 1960)**. 2016. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

NUNES, Clarice. **Anísio Teixeira: a poesia da ação**. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

RIBEIRO, Marcos Profeta. **Mulheres e poder no Alto sertão da Bahia: a escrita epistolar de Celsina Teixeira Ladeira (1901-1927)**. São Paulo: Alameda, 2012.

SANTOS, Paulo Henrique Duque. **Légua Tirana: sociedade e economia no alto sertão da Bahia Caetité, 1890-1930.** 2014. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SANTOS, Paulo Henrique Duque. Da política e dos negócios – alto sertão da Bahia no início da República. In: LEDO, M^a Auxiliadora Ribeiro & SANTOS, Paulo H. Duque (Orgs.). Revista da Casa Anísio Teixeira (**CAT. Revista**), Caetité - BA, 01 out. 2021.

TESSARI, Cláudia Alessandra; COSTA, Julio Cesar Zorzenon. Ação estatal, negócios e migração inter-regional no Brasil (1935-1951). **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 2 (66), p. 513-540, maio-agosto 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3533.2019v28n2art09>

Notas

ⁱAPMC. AFST. AST.1.12.31

ⁱⁱ Para maiores detalhes sobre a família de Deocleciano Pires Teixeira e Anna Spínola Teixeira, ver a dissertação de Jumara Carvalho (2018) e livro de Marcos Ribeiro (2012).

ⁱⁱⁱ Os fluxos migratórios provocados por contextos de crise, tanto internos quanto transnacionais, tendem a ser o enfoque dos estudos sobre migração, como apontam alguns estudos (DOTA & QUEIROZ, 2019; TESSARI & COSTA, 2019; COSTA & OJIMA, 2019). Nossa análise busca dar visibilidade a movimentos migratórios motivados principalmente pela manutenção do poder econômico por meio da busca por níveis elevados de instrução, do matrimônio, ou mesmo pela negação dos valores patriarcais.

^{iv}APMC. AFST. RPT.1.10.1

^vAPMC. AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: correspondências usuais. Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Caetité, 21/02/1908

^{vi}APMC. AFST. CTL.1.13.1

^{vii} A viagem de Caetité à capital baiana era feita por dois caminhos: iniciava-se a cavalo, chegando à estação ferroviária de Machado Portela, local de ligação da Estrada de Ferro Central da Bahia; outra possibilidade era pelo São Francisco (trecho fluvial que ligava Bom Jesus da Lapa à cidade de Juazeiro – Bahia). Daquele lugar, seguia-se a viagem pela Estada de Ferro Bahia.

^{viii}APMC. AFST. CTL.1.9.1

^{ix}APMC. AFST. AST.1.4.4

^xAPMC. AFST. CTL.1.18.8

^{xi}APMC. AFST. AST.1.15.9

^{xii}APMC. AFST. CTL.1.9.2

^{xiii}APMC. AFST. RPT.1.10.2

^{xiv}APMC. AFST. RPT.1.74.32

^{xv}APMC. AFST. RPT.1.6.12

^{xvi}APMC. AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia Subsérie: Correspondências Usuais, Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 25/10/1950.

^{xvii}APMC. AFST. Série: Rogociano Pires Teixeira, Subsérie: Correspondências Usuais, dossiê: Evangelina Spínola Teixeira. Caetité, 25.09.1918

^{xviii}APMC. AFST. RPT. 1.52.14

^{xix} APMC. AFST. AST. 1. 12. 3

^{xx}APMC. AFST. ETPO. 1.7.2

^{xxi} APMC. AFST. AST. 1.13.1

^{xxii}APMC. AFST. ETPO.2.3

^{xxiii} APMC. AFST. CTL. 1.9.7

^{xxiv} Ver o trabalho **Légua Tirana: sociedade e economia no alto sertão da Bahia.** Caetité, 1890-1930, de Santos (2014), que aborda as atividades econômicas de exportação e de abastecimento interno no Alto Sertão da Bahia e a sua integração com outros lugares do comércio externo.

^{xxv}APMC. AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: correspondências usuais. Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Bahia, 25/04/1908

^{xxvi}APMC. AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: correspondências usuais. Dossiê: Hersília Spínola Teixeira. Caetité, 22/03/1916.

^{xxvii}APMC. AFST. Série: Anna Spínola Teixeira. Subsérie: correspondências usuais. Dossiê: Leontina Spínola Teixeira. Bahia, 11/05/1923

^{xxviii} APMC. AFST. Série: Anna Spínola Teixeira. Subsérie: correspondências usuais. Dossiê: Leontina Spínola Teixeira. Rio de Janeiro, 1º/02/1923

^{xxix}Livro de Ata de Fundação da Associação de Senhoras de Caridade de Caetité (ASC), 1919

^{xxx}APMC. AFST. Série: Celsina Teixeira Ladeia. Subsérie: correspondências usuais. Dossiê: Leontina Spínola Teixeira. Bahia, 21/04/1950.

^{xxxi} APMC. AFST. ASST.3.2.1